

Depoimento

O flautista e o pensador.

Salma Tannus Muchail, PUC-SP

Recentemente chegada ao Brasil, Jeanne Marie viu-se, literalmente, às voltas com dificuldades burocráticas: para obter o registro de trabalho, precisava de um visto de permanência como estrangeira e para obter o visto, precisava de um registro de trabalho... Foi quando, muito espontaneamente, sugeri-lhe um caminho pragmático e formal: casar-se com seu companheiro brasileiro. Ao que ela, com seu sotaque suíço, muito veementemente respondeu: “- Non quero serr concubina!” Diverti-me com o emprego de um vocábulo quase em desuso para designar uma decisão de vanguarda. (Um parêntese: o concubinato com Marcos, que gerou Rafaela e Cristina, persevera, duradouro).

Em minhas fantasias, tendo a crer que foi desde então que comecei a observar o modo como Jeanne Marie usa a linguagem. Observação teoricamente reforçada quando aprendi que a problematização da linguagem constitui uma espécie de elemento catalizador no universo de seus interesses filosóficos.

Compreende-se que neste universo de interesses, transitem e flanem pensadores e poetas. W. Benjamin desde sempre e P. Ricoeur posteriormente, traçam as linhas de confluências para encontros a que, entre outros, comparecem: Homero, Heródoto, Tucídides, Platão, Adorno, Proust, Kafka, Baudelaire, Guimarães Rosa, Nelson Rodrigues, e, porque não, Sherazade e a “arte de contar”, sem nomear os autores de livros sobre brinquedos e brincadeiras (tão ao gosto de Benjamin). Por isto mesmo, nestes cruzamentos que promove em livros e ensaios, Jeanne Marie joga com o passado e o presente, realizando, no próprio exercício de escrever, os sentidos da história não linear sobre a qual escreve. E, reciprocamente, lida com os “labirintos” da história na mesma medida em que desaloja a linguagem de suas compartimentalizações tradicionais, aproximando, sem baratear as diferenças, filosofia e literatura, reflexão e poesia, pensamento e arte.

É neste contexto geral que situo um tema muito específico: as três figuras de mulheres retomadas dos textos de Platão. Inverto a ordem com que Jeanne Marie as apresenta – a flautista, a parteira, a guerreira – para, como num pequeno quebra-cabeças, mostrar que ela própria, a seu modo, se encaixa naquelas figuras. Convictamente, mas sem os vícios dos dogmatismos, Jeanne Marie enfrenta debates e assume atitudes como uma guerreira aguerrida em sua “pacífica guerrilha”. A exemplo de Sócrates, que partejava as almas do ventre do não-saber, ou de Sêneca, que puxava os discípulos para fora da stultitia, Jeanne Marie faz nascer ideias e posturas, na medida em que juntamente com dissertações e teses também orienta condutas para uma “vida justa”. Porém, diferentemente do que suporia um platonista fiel, a imagem que melhor lhe cabe é a da tocadora de flauta. É que esta flautista tem o mister de misturar “regiões da palavra”. Lida com a “palavra da poesia e da música, do corpo e da dança, do riso e do jogo”. Ao mesmo tempo, usa o logos com competência, pensa em condições iguais às do pensador, é conviva no Banquete filosófico.

Um dos efeitos desta mistura, consiste em neutralizar a escolha entre os rigores da escritura e as permissões da oralidade, entre a maleabilidade poética da fala e a estabilidade do registro textual. E em Jeanne Marie isso se sintomatiza muito concretamente no sotaque gracioso de suas falas e no português gramaticalmente correto e estilosamente elegante dos seus escritos.

Portanto, querida Jeanne Marie, você não tem por que temer o “fantasma” de vir a tornar-se não mais que “uma velha senhora muito digna (...) que consagraria seus dias a uma releitura (...) feminista, irônica e serena da metafísica”. Você que conheceu a importância dos “deslocamentos constantes entre diversos países, entre diversas línguas”, que descobriu “quanto pode ser fértil estar fora do seu país” e, principalmente, você que acolheu a revelação de “paisagens ocultas da língua portuguesa, essa sua língua adotiva”, saiba que a adoção é recíproca. Por isto, de nossa parte, podemos nomeá-la como carinhosamente já a nomeou algum aluno mais irreverente: cá entre nós você é Mme. Gagnebin, é Frau Gagnebin ou simplesmente Joana.